

Homens gays e a erótica do envelhecimento

Gay men and aging erotic

Hombres gays y la erótica del envejecimiento

Gustavo Duarte
Fernando Seffner

RESUMO: O acompanhamento dos encontros de um grupo de homens *gays* mais velhos e as inserções pontuais em uma sauna/videolocadora, que promove a aproximação entre homens *gays* mais velhos e uma diversidade de parceiros na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil, entre 2009 e 2012, fornecem elementos para discutir questões na conexão envelhecimento e erotismo. Por erótica do envelhecimento, entendemos um conjunto de estratégias de que lançam mão os homens *gays* mais velhos, no sentido de manter em aberto possibilidades de vida amorosa e sexual.

Palavras-chave: Envelhecimento; Homens *gays*; Erótica do envelhecimento.

ABSTRACT: *This paper presents two data sources: the systematic monitoring by the researchers of the meetings of a group of older gay men in the city of Porto Alegre and the occasional insertions in a sauna / video store that promotes the approach among older gay men and other partners over the years 2009 to 2012. With this data, we discuss some issues in connection aging and eroticism. For aging erotica, we understand a set of strategies adopted by older gay men in order to keep open possibilities for love and sex life.*

Keywords: *Aging; Gay men; Aging erotica.*

RESUMEN: *El seguimiento de los encuentros de un grupo de hombres gays más viejos y las inserciones puntuales en una sauna / videolocadora, que promueve el acercamiento entre hombres gays más viejos y una diversidad de socios en la ciudad de Porto Alegre entre 2009 y 2012, elementos para discutir cuestiones en la conexión envejecimiento y erotismo. Por erótica del envejecimiento, entendemos un conjunto de estrategias que arrojan a los hombres gays más viejos en el sentido de mantener en abierto posibilidades de vida amorosa y sexual.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Hombres gays; Erótica del envejecimiento.*

Dos lugares por onde transitaram as pesquisas que alimentam este artigo

Este artigo é fruto do diálogo entre dados e análises produzidas em duas frentes de pesquisa. A primeira delas tratou de acompanhar, entre 2009 e 2012, um grupo de homens gays mais velhos¹, residentes na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil, que realizavam encontros periódicos regulares em suas casas. Nesses encontros, se conversava sobre temas da vida cotidiana, com reiterados momentos em que questões como namoro, conjugalidade, solidão, vida sexual, prazer, erotismo e vida afetiva foram destacados². Além do acompanhamento dos encontros do grupo, foi possível entrevistar de modo individual os participantes com frequência mais regular, bem como ter acesso às atas das reuniões feitas pelo coordenador e colher manifestações postadas na mala direta eletrônica, na qual os integrantes, nos intervalos das reuniões, por vezes, trocavam comentários. O acompanhamento dos encontros regulares não foi gravado, mas registrado em diário de campo, logo após as reuniões, por um ou pelos dois pesquisadores. Além de acompanhar o fluxo dos temas levantados pelos participantes nos encontros, em diversos momentos foi possível aos pesquisadores sugerir temas, ou pedir para os participantes do grupo que debatessem de modo mais denso alguma questão que havia sido comentada apenas de passagem.

¹ Adotamos como critério de geração idade superior a 50 anos, e tivemos boa concentração de informantes entre 55 e 60 anos.

² Nota eliminada para permitir avaliação cega.

O grupo que acompanhamos estruturou-se em grande parte como fruto dos esforços de seu atual coordenador, e suas origens vêm de 1998. Ele é, em verdade, a segunda versão do grupo original, que não foi adiante por apresentar um “perfil mais intelectualizado de participantes”, o que tornou difícil agregar pessoas.

Ao longo de sua trajetória, que contou com interrupções, o grupo circulou por diversos locais, que começaram pelas casas dos participantes, andaram por salão de sociedade espírita, pela vinculação e uso do espaço em duas ONGs do movimento ativista LGBT de Porto Alegre, foram a uma sala de instituição pública, e retornaram em definitivo para as casas dos participantes, em sistema de rodízio, que se mantém há alguns anos.

A presença de um coordenador no grupo, que assume funções como propor temas para os encontros, redigir as atas do que foi discutido e em seguida enviar aos participantes via e-mail, além de convocar para as reuniões, dá certa organicidade ao funcionamento, sem necessariamente reprimir a emergência de temas diversos, pois a estrutura toda demonstra flexibilidade. A conversa oscila entre questões políticas ligadas ao ativismo LGBT e um grande leque de assuntos que se aloja no que foi definido, por vários participantes, como “as questões emocionais e de autoconhecimento”. O grupo tem o sugestivo nome de Oficina de Gente e, no período em que acompanhamos seus encontros, havia uma decidida opção, privilegiando o auxílio e a resolução dos problemas de seus integrantes, em sintonia com o eixo que nomeamos acima como “questões emocionais e de autoconhecimento”. Certa crítica a essa centralidade nos problemas “internos” dos participantes alimentou o debate sobre a importância do engajamento de cada um em ações e causas sociais de solidariedade e apoio ao próximo. Isso se conecta de modo potente com o envolvimento de muitos membros de frequência regular ao grupo com a filosofia espírita e na participação em atividades regulares de centros espíritas, voltadas a ajudar os outros. Ou seja, a convocação do “auxílio ao próximo” não envolvia engajamento em ONGs ligadas ao universo LGBT, mas em atividades de ajuda de cunho geral ao próximo, mescladas com a noção de aperfeiçoamento espiritual.

Durante o período de acompanhamento do grupo, quinze homens participaram das reuniões sistematicamente e, entre estes, sete deles, os mais assíduos, e também os de mais idade, constituíram-se nos principais colaboradores da pesquisa, mas foi possível colher opiniões de todos sobre os assuntos que nos interessavam.

O perfil do grupo contempla homens já aposentados e trabalhadores da ativa; em sua maioria solteiros, poucos co-habitando ou mantendo relação com companheiro fixo; a maioria dos solteiros nunca experimentou relações de “casamento” com outros parceiros; todos brancos e pertencentes à classe média urbana; com hábitos de consumo modestos em relação a vestimentas e alimentação e uma crítica ao consumismo que caracteriza – em sua visão – os jovens *gays*.

É ponto recorrente em suas falas uma valorização da vida cultural (entenda-se frequência regular a cinemas, shows, algumas viagens e idas ao teatro, bem como leitura de revistas e jornais e livros de literatura); com boa concentração das moradias na área central da cidade ou sua proximidade, em apartamentos de um dormitório, o que lhes permite viver sem o uso do carro e, ao mesmo tempo, desfrutar dos pontos culturais. A grande maioria possui ensino superior completo; todos com ótima disposição para conversar com os pesquisadores sobre suas vidas, afirmando em alguns momentos que, de fato, “tinham muito a contar”.

Além dos encontros regulares, os pesquisadores foram convidados, e compareceram, a participar de outras situações de convívio e eventos, como alguns passeios, idas ao cinema e final de semana na serra.

Dentre os principais assuntos discutidos no grupo ou em seu entorno destacaram-se: a ideia de rede e/ou suporte privilegiada por uma concepção de amizade; diferentes posicionamentos entre a exposição da vida pessoal e/ou atuar na militância a partir da questão do “assumir-se” (*coming out*); a preocupação e o engajamento com tarefas de ajuda ao próximo; uma intensa e complexa discussão sobre os modos de ser-estar *gay*, tensionando posições entre homoafetividade e homossexualidade; certo incômodo com os *gays* “afeminados” com a utilização de discursos homonormativos e, sobretudo, a preocupação com o processo de envelhecimento e a velhice, a solidão e a finitude.

Preocupações sobre estar e/ou ficar sozinho, o medo da solidão, a ausência da visibilidade acerca de uma velhice feliz, a valorização da cultura da beleza e da juventude e a falta de uma preparação para a velhice foram algumas questões levantadas sobre o processo de envelhecimento *gay*.

Outro conjunto de dados provém de inserções irregulares, mas continuadas no tempo ao longo dos anos de 2009 a 2013, do coautor deste artigo, em uma sauna conjugada com videolocadora que agrega tanto um público assumidamente *gay* mais velho quanto homens que circulam pelo centro da cidade de Porto Alegre³. O estabelecimento existe no mesmo local há muitos anos, composto por dois velhos casarões interligados, já tendo passado, aliás por várias modificações internas, e funciona todos os dias da semana entre 11h e 20h. O público de homens *gays* mais velhos é de frequência regular ao local, que funciona para alguns como uma espécie de “clube”, onde podem encontrar os amigos, desfrutar dos banhos e filmes eróticos, bem como de prazeres sexuais com diversos parceiros. Identificamos cerca de vinte homens *gays* mais velhos com frequência regular ao local, e que nele permanecem por mais tempo.

Alguns homens mais jovens buscam o espaço em regime de curtos momentos roubados ao trabalho durante a tarde, ou em final de expediente (final da tarde), ou no intervalo do meio dia.

Um terceiro grupo, que frequenta mais a videolocadora do que a sauna⁴, é composto por homens de meia-idade, tidos como heterossexuais casados na opinião dos homens *gays* mais velhos, e que buscam assistir a algum vídeo pornográfico, bem como manter alguma aventura sexual. Dentre esses homens, que em geral demonstram comportamento mais furtivo e discreto, há um subgrupo formado por aqueles homens que estão em Porto Alegre de passagem, para alguma atividade (reunião profissional, visita a algum parente, resolução de algum problema familiar, tratamento ou consulta médica na rede de atenção em saúde pública), e que se deslocam da videolocadora em direção à estação rodoviária, que se localiza próxima.

Apesar do efêmero contato com esses homens, foi possível perceber que vivem em cidades distantes cerca de duas horas de Porto Alegre, e que, pelos motivos já listados, comparecem à capital com certa regularidade, conhecendo bem os pontos principais para deslocamento.

³ Nota eliminada para permitir avaliação cega.

⁴ Vale lembrar que ingressar na sauna envolve dispor-se a troca de roupa, maior exposição do corpo, bem como uma disposição em permanecer mais tempo e pagar um pouco mais pelo ingresso. Tudo isso é praticado com mais intensidade pelos homens *gays* mais velhos na comparação com os outros dois públicos.

A frequência da sauna/videolocadora mostra diferenças entre os dias da semana e os dias do fim de semana: durante a semana o público é mais variado em termos de geração e, aos finais de semana, há uma concentração de homens mais velhos, tanto aqueles assumidamente *gays* – que são em verdade a “alma” da casa – quanto daqueles tidos como heterossexuais casados que, no sábado à tarde, em geral, parecem ter a possibilidade de se demorar mais no ambiente.

O interesse de pesquisa no lugar envolveu conversar basicamente com os homens *gays* mais velhos que, via de regra, dispõem de tempo e falam com gosto sobre suas vidas, histórias sexuais, casos amorosos e se posicionam em relação às questões de prazer, envelhecimento, solidão, busca de parceiros.

Também gostam de emitir opiniões sobre os demais frequentadores, em particular sobre aqueles tidos por eles como homens heterossexuais casados (ou “mal-casados”, como brincam com frequência, porque se fossem “bem-casados” não frequentariam o ambiente, em suas opiniões).

Embora sem recorrer a nenhum levantamento estatístico, por conta da fluidez dos participantes e do próprio regime de inserção do pesquisador, é possível afirmar que a maioria dos homens *gays* mais velhos vive sozinha, parte na região central do município de Porto Alegre e parte na periferia da cidade, e a localização da sauna/videolocadora facilita o deslocamento para estes últimos, pois ela funciona ao lado de uma avenida com linhas de ônibus para os dois maiores eixos de moradia periférica.

Todos possuem o ensino médio completo, poucos com ensino superior; são vinculados a profissões do setor de serviços (comércio, contabilidade, finanças, serviço público); vivem de modo modesto, são independentes e autônomos em relação às famílias, com as quais mantêm um regime de ajuda financeira eventual e dão algum suporte emocional; na sua quase totalidade nunca tiveram companheiro fixo e as relações afetivas e sexuais são historicamente nômades, sendo que a maioria não demonstra constrangimento em assim se definir.

Embora elogiando o ativismo LGBT e demonstrando algum conhecimento sobre ele na capital, não se mostram interessados e não participam, e certas pautas, como a do casamento *gay*, mereceram até mesmo piadas e deboches em alguns momentos, do tipo “mas onde já se viu bicha casando com bicha, o que é isso, essas novinhas não tem mais o que inventar!”⁵.

Muitas das questões que preocupam a vida dos homens do grupo Oficina de Gente também são temas de preocupação dos homens *gays* mais velhos que frequentam a sauna/videolocadora. Há pontos de acordo e há pontos de divergência nas opiniões de todos. Foi trabalhando com esses elementos que buscamos alargar o debate acerca do delicado equilíbrio entre envelhecer e manter interesses eróticos, o que estamos denominando aqui de busca por uma erótica do envelhecimento.

Articulações entre homossexualidade(s) e envelhecimento

Podemos compreender o processo de envelhecimento humano atualmente como um “fenômeno” demográfico e uma questão de saúde pública que inspira considerações políticas e sociais (Berquó, 1999; Netto, 2005).

A Gerontologia se preocupa em ampliar a compreensão sobre o envelhecer, contrariando uma visão linear e unidirecional e articulando seus saberes de modo interdisciplinar (Doll, 2004). O interesse em pesquisar o tema do envelhecimento no Brasil vem aumentando gradativamente nas últimas décadas. Em diferentes áreas do conhecimento, a partir de diferentes referenciais, relevantes questões são levantadas no sentido de visibilizar situações antes pouco discutidas em que, sobretudo, a dimensão política torna-se fundamental para a problematização do assunto. Desde a sua promulgação, o Estatuto do Idoso (Brasil, 2004) constituiu-se num marco central nesse processo de interesse e de ressignificação do processo do envelhecimento, da velhice, de políticas públicas e de cidadania (Mota, 2014).

⁵ Excertos de falas que não trazem o nome do informante foram colhidos em diálogos com grupos. Não foi possível registrar o nome de quem disse, embora o registro tenha sido feito logo após a conversa. Sempre que possível registramos o nome e a idade do informante, o que foi possível em especial nas entrevistas, conversas individuais ou em duplas. Todos os nomes são fictícios, e são citados para que se possa conhecer, do mesmo informante, mais de uma posição.

Ainda que a legislação organize e, de certa forma, classifique os sujeitos pela sua idade cronológica, os estudos apontam para a complexidade do tema e para as diferentes formas e possibilidades do envelhecer, em diferentes épocas e culturas, a partir de determinadas situações.

Modelos e padrões corporais condicionam modos de ser e de estar na cultura, de constituírem-se homens ou mulheres.

O corpo assume uma centralidade na cultura brasileira, na qual magreza, “boa forma” e sensualidade apresentam-se como marcas definidoras de certo padrão nacional, almejado por muitos (Goldenberg, 2011).

No que se refere ao processo de envelhecimento de *gays* e *lésbicas*, cabe destacar o crescimento recente de estudos no Brasil, embora o tema ainda esteja longe de ter a visibilidade que merece (Gardner, 2006).

Entre os pesquisadores, destacamos as contribuições de Simões (2004), Paiva (2009) e Pocahy (2011).

[...] apontar as lacunas nos estudos sobre geração e sexualidade e, num grau mais elevado ainda de dissociação, nos estudos sobre geração e sexualidades periféricas, as quais divergem do ideal normativo da matriz heterossexual, familista por definição [...] Se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual (Paiva, 2009, p. 199).

Silva e Montenegro (2012), além de compartilhar da constatação de Paiva (2009), buscaram investigar as representações de homossexuais idosos em publicações homoeróticas brasileiras.

Os autores destacam que, na contemporaneidade, mais do que em épocas passadas, a homossexualidade (ainda) está associada à ideia do “ser jovem”, não apenas localizada no rosto, mas no corpo todo.

Ao analisar as publicações *Sui Generis*, *G Magazine*, *Júnior* e *DOM*, o estudo mostrou que:

[...] mesmo sendo publicadas para um público específico, os periódicos, raramente, ofereceram espaço em suas páginas para falar sobre os homossexuais idosos [...] Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homoerótica, para os homossexuais idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar, pois entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão ‘pinta’, isto é, que possuem traços femininos, e entre aqueles que são ‘bichas mariconas’, ou seja, homossexuais velhos (Silva, & Montenegro, 2012, p. 06).

Na coletânea de textos *Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras*, organizado por Carrara e Vianna (2004), Simões contribui especificamente com essa temática ao relacionar a homossexualidade masculina e o paradigma do Curso da Vida (*life course*), abordando as representações do processo do envelhecimento homossexual masculino. Ao referir-se às concepções tradicionais acerca da velhice ocidental e aos valores disseminados na cultura de consumo contemporânea, o que ainda prevalece é a associação com a morte, o declínio, a finitude, perdas e depressão, ou seja, tudo àquilo que se vincula à concepção de corpo predominantemente biológica e produtiva. O quadro complexifica-se ainda mais quando o envelhecimento homossexual masculino tem como pano de fundo os centros urbanos e as metrópoles, onde, na chamada “cultura *gay* masculina”, impera o interesse da beleza e juventude, dos atributos físicos, da moda e de um mercado sexual hierarquizado (Simões, 2004).

A norma ou a referência desse corpo idealizado e almejado, a qualquer custo, decorrente de muito trabalho e de certos investimentos, exclui outras possibilidades como os velhos, os gordos, os deficientes, os ditos feios, em geral levando-os para fora do mercado do sexo (Pocahy, 2012). A produção discursiva do envelhecimento, de uma maneira geral, ao associar-se à experimentação da sexualidade, acaba considerando uma monstruosidade, ou seja, uma materialidade abjeta, se pensarmos em um homossexual idoso, uma “bicha velha”. Nesse sentido, ser *gay* e velho, principalmente no Brasil, pode caracterizar-se como um duplo estigma (Mota, 2014), em que a “crueldade” do passar do tempo e da “decadência” física é somada a noções de isolamento, abandono e de ausência, ou excesso, do desejo.

A esse respeito, Debert (1999), ao referir-se à questão da (re)construção da velhice, destaca a heterogeneidade do processo de envelhecimento a partir de suas várias configurações e arranjos sociais. A autora chama a atenção para a dupla vulnerabilidade ao relacionar velhice com as chamadas “minorias”, como idosos negros, os de classe social baixa, os idosos “muito idosos”, isto é, a partir dos oitenta anos ou mais e, no caso deste artigo, os idosos *gays*. Estereótipos e representações pejorativas podem variar aos extremos como a “tia velha e meio gagá” ou “velho tarado” (Simões, 2004).

Compartilhamos da compreensão de Pocahty (2012) quando se almeja outro horizonte discursivo a partir do ponto de vista da erótica e não de uma ciência sexual. Essa possibilidade de reinvenção de si mesmo busca furar o bloqueio dos discursos que fazem da velhice na homossexualidade um lugar sem saída, como uma fuga, uma forma de resistência possível. Esse exercício de gozar de maior liberdade e de satisfação é compreendido como uma forma positiva de envelhecer, isto é, de vivenciar uma “bela velhice” (Goldenberg, 2011). a partir da coragem do processo de reinvenção. É no terreno dessa busca que o presente artigo se insere.

Erotismo, pornografia e erótica do envelhecimento

Buscamos agregar os movimentos que identificamos, entre os informantes nos dois ambientes, no conceito de erótica do envelhecimento. Ele se articula com os conceitos de pornografia, erotismo e obscenidade que, embora tenham sido utilizados pelos informantes de modo livre, são conceitos com larga trajetória nas ciências humanas. Ao se debruçar sobre a produção e o consumo da pornografia e sobre a representação do obsceno no cinema e em vídeos “pornô”, Nuno Cesar Abreu esclarece que os termos erotismo e pornografia transitam e misturam-se em um mesmo terreno de significações e destaca certa dificuldade em estabelecer um limite definido entre ambos. O autor enfatiza que “[...] o termo erotismo surgiu no século XX a partir do adjetivo erótico, derivado de Eros, deus do amor, do desejo (sexual) em sentido amplo” (Abreu, 1996, p. 15). A historiadora Del Priore aponta, por sua vez, que o termo erótico apareceu na França, em dicionário, pela primeira vez, em 1566, designando tudo àquilo que tivesse relação com o amor ou procedesse dele (Del Priore, 2011), e destaca que os conceitos e seus respectivos conteúdos podem mudar e transformar-se no tempo e no espaço.

Para Bataille, o conhecimento do erotismo exige uma experiência da ordem do interdito e da transgressão, em que esta se situa fora da vida ordinária, sendo então definida como experiência secreta. Este autor destaca que “[...] o erotismo difere da sexualidade dos animais no ponto em que a sexualidade humana é limitada pelos interditos, cuja transgressão pertence ao campo do erotismo. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa do interdito” (Bataille, 1987, p. 238). Esse sentido é importante para analisar as falas dos informantes, pois o relato de suas vidas na condição de homossexuais foi sempre vinculado a interditos, em especial na fase jovem, quando se queixam que não puderam “aproveitar a vida como os jovens de hoje”, pois viviam numa ditadura, não havia educação sexual, não havia aceitação da homossexualidade, tudo era proibido e reprimido.

Segundo Moraes (2004), analisando o erótico na literatura, o senso comum parece estabelecer certa distinção entre erotismo e pornografia, situando o primeiro como o que é velado ou praticado no âmbito do terreno amoroso, na intimidade, na alcova. Em contraposição, a pornografia seria o que de modo “sem vergonha” se expressa no público, vinculada apenas ao sexo, sem preocupação com os laços de amor e afeto. Dessa forma, erotismo se aproxima de arte e, pornografia, se aproxima de mercado do sexo. Pornografia se liga com o obsceno – o que deve ser posto fora da cena – mas o erotismo pode aparecer em filmes, há “modos adequados” de mostrar cenas eróticas que potencializam o amor, mas a fronteira com a pornografia é sempre muito tênue. As fronteiras de público e privado são importantes para pensar obscenidade e decência, pornografia e erotismo. O que se pode “aprender” com a pornografia é sempre ruim, mas o que se “aprende” ao olhar uma cena erótica pode ser bom para pensar a vida amorosa.

Em Hunt (1999), se afirma que é possível pensar a pornografia em conexão com a crítica política, crítica ao modo como as relações de poder se estruturam e nos mantêm “dominados”, crítica contra a hipocrisia social em temas de sexo. Adotar comportamentos tidos como pornográficos seria afrontar o ordenamento político. Para nossos informantes, é afrontar os interditos que impediram que os desejos sexuais fossem vividos naquela idade em que eles desabrocharam, a juventude, o que se expressou em muitas afirmações:

“Eu sempre fui muito reprimido, agora quero aproveitar, não tem mais família e nem religião para me impedir de fazer as coisas que eu sempre quis fazer.” (Gabriel, 53 anos).

“Tudo o que eu não fazia antes, eu tô fazendo agora, vou à boate de duas a três vezes por semana.” (Robson, 70 anos).

Afinal, como diz Hunt (1999), em mais de um momento, a história da pornografia é a história de sua regulação e controle. Desse modo, ao deliberadamente adotar algum comportamento pornográfico, podemos estar afrontando a religião, a política e a decência, os grandes censores da vida sexual que se desejava ter, e que não foi possível alcançar em anos passados. Mesmo assim, a prudência pode recomendar a prática da pornografia em locais dedicados a ela, quase secretos, com parceiros que também desejam fazer isso, e não vão, portanto, ficar escandalizados, pois ali entraram de livre vontade e sabem o que ali vão encontrar. Esse é o tom das falas de muitos dos frequentadores da sauna/videolocadora: *“Quem vem aqui sabe o que vai encontrar, quem entra por essa porta não entra enganado, eu quero aproveitar, mas lá fora é outra história, tem que manter as aparências”* (Dario, 58 anos).

Novamente se misturam os conceitos de erotismo e pornografia, pois se o que se faz em uma sauna/videolocadora é algo secreto, entre quatro paredes, então poderia ser erotismo, não há ofensa a ninguém, os parceiros livremente buscam esse jogo, e atribuem a ele envolvimento afetivo muitas vezes. Temos aqui também uma interessante possibilidade, ainda conforme Hunt (1999), de pensar as metáforas de luz e escuridão. A isso se conecta a questão reiteradamente posta pelos informantes dos dois ambientes, aquela da visibilidade de sua homossexualidade. A leitura feita pela quase totalidade dos informantes é a de que tinham vivido suas vidas sem sair do armário (na escuridão), e que agora os jovens já nasciam fora do armário (“os jovens gays vivem sua vida na luz do sol desde que nascem”). Só que sair do armário exige, no ver de todos eles, alguns códigos morais para assegurar a garantia da aceitação, o bem maior que se quer alcançar com a visibilidade. Então, por um lado, se sai do armário, por outro se pratica em certos locais a vida sexual que sempre foi interdita, mas que não pode ser visível. A visibilidade é tanto desejada, dentro do processo de assumir-se, quanto é temida, pois pode provocar problemas:

“Às vezes perguntam aquela velha história: quando é que vai casar? Na família eu não tenho problema porque eu não me assumo, né? Antes eles soltavam piadinha, mas hoje não.” (Arlindo, 58 anos).

“Eu já estava cansado de não falar para os vizinhos de tantos anos no edifício, agora me abri para eles, diminuiu a minha ansiedade, mas no trabalho não falo nada, ninguém tem nada que saber, não me assumo e pronto!” (Gabriel, 53 anos).

Mas sair do armário diz respeito também a ter uma vida amorosa visível (andar de mãos dadas na rua, beijar o parceiro no cinema, apresentar o namorado para a família, hospedar-se em um hotel no mesmo quarto etc.). Ocorre que, para muitos deles, os jovens gays hoje em dia privilegiam comportamentos praticamente pornográficos, e as paradas gays foram reiteradamente citadas como exemplos disso, com a nudez, os trios elétricos de garotos de programa, as travestis e transexuais vestidas de modo provocante. Interessante discussão aconteceu a partir de um “beijaço gay” promovido por uma organização ativista. Se, por um lado, os informantes disseram que era muito bonito poder beijar em público, por outro, ao referirem as imagens mostradas na televisão, afirmaram que a maioria dos gays beijou muitos outros gays, ou seja, não era uma relação de amor se expressando em público; havia sido quase uma orgia de beijos, portanto, pornografia. Aqui percebemos quão verdadeira é a frase do dito popular que afirma que “a pornografia é o erotismo dos outros”⁶. O que eu faço é bom, amoroso, erótico, mas o que vejo os outros fazerem é pornografia pura. A sexualidade é algo impossível de ser pensada de modo separado da pornografia e do erotismo, e este é um terreno ambíguo e cheio de contradições, sendo um dos elementos centrais que atravessa a erótica do envelhecimento.

A categoria conceitual de erótica do envelhecimento nos foi em parte sugerida pelas falas dos informantes, em particular quando narravam seus desejos, experiências, vontades, sonhos de prazer, temores e gratificações, resistências e subversões no sentido de estilizar a própria vida. E, em grande medida, encontramos ancoragem para entender o que escutamos no que Michel Foucault chamou de desenvolvimento de uma arte erótica (*ars erótica*):

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido ou do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo:...

⁶ Tal afirmação também se encontra, de modo disperso, atribuída a autores como André Breton, Georges Bataille, Alain Robbe-Grillet, Renato Janine Ribeiro, Jorge Coli.

ele deve ser conhecido como prazer, e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. (Foucault, 1988, p. 65).

Entendemos por erótica do envelhecimento um conjunto de estratégias de que lançam mão os homens *gays* mais velhos para alargar as possibilidades de prazer sexual e amoroso em suas vidas, muito conectadas com a noção de uma arte erótica. Componente importante para a montagem desse conjunto de estratégias é a própria experiência do prazer, muito referida na fala dos informantes em frases do tipo “*eu escutava os outros falarem e ficava com vontade de experimentar*”, “*agora tem lugares para a gente ir e ter prazer*”, “*antes eu não podia nem pensar em fazer uma coisa dessas*”, “*antes tudo era proibido e punido*”, “*eu até já tinha feito coisas assim, mas era tudo rapidinho, agora passo a tarde toda aqui e sempre rola alguma coisa*”, “*a vida é curta, tem que aproveitar mesmo*”, “*cada dia que venho aqui fico mais viciado nisso tudo, é puro prazer*”, “*estou com meu primeiro namorado, preparo a janta quando ele vem lá em casa, eu sempre quis fazer isso*”, “*eu fui a Gramado com ele, um final de semana, eu nunca tinha feito uma viagem de amor na minha vida, gostei tanto que agora quero voltar*”, “*quando eu fui ao cinema a primeira vez com ele, a luz apagou, e ele pegou na minha mão, discretamente, a gente assistiu ao filme assim, eu fiquei emocionado, eu só via isso em filme mesmo, e agora me aconteceu*”. Mas esse conjunto de estratégias, que configura uma erótica do envelhecimento, não se esgota na vida sexual; ele é tensionado por certa necessidade de desenvolver modos que garantam relações com possibilidade de amor, outro bem precioso que foi negado a esses homens *gays* mais velhos, conforme eles de modo recorrente afirmam e, com isso, a noção de erótica ganha relevo.

Com variações, a afirmação “*tão importante quanto ter uma boa vida sexual na velhice é buscar amores e afetos*” foi feita diversas vezes, revelando de modo claro os dois ganhos negados até aqui: não me foi possível ter uma vida sexual prazerosa como gostaria e não me foi possível estruturar relações amorosas duradouras. Como atender a esses dois objetivos de vida no momento em que me reconheço velho, o mesmo momento em que percebo que tenho condições concretas de realizar ações nessas duas direções?

A construção de uma erótica do envelhecimento é a articulação de estratégias nesses dois sentidos, para alcançar esses dois bens de grande valor, e que podem fazer enorme diferença na velhice, inclusive para enfrentar o temor da solidão e da tristeza.

A definição de velhice mais elaborada que encontramos aconteceu em um diálogo na sauna/videolocadora, quando um dos informantes recitou algumas frases de Adélia Prado, de um texto poético que aqui reproduzimos na íntegra:

Todos vamos envelhecer... Querendo ou não, iremos todos envelhecer. As pernas irão pesar, a coluna doer, o colesterol aumentar. A imagem no espelho irá se alterar gradativamente e perderemos estatura, lábios e cabelos. A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos. O segredo não é reformar por fora. É, acima de tudo, renovar a mobília interior: tirar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior. E, quando ocorrer, o alicerce precisa estar forte para suportar. Erótica é a alma que se diverte, que se perdoa, que ri de si mesma e faz as pazes com sua história. Que usa a espontaneidade pra ser sensual, que se despe de preconceitos, intolerâncias, desafetos. Erótica é a alma que aceita a passagem do tempo com leveza e conserva o bom humor apesar dos vincos em torno dos olhos e o código de barras acima dos lábios. Erótica é a alma que não esconde seus defeitos, que não se culpa pela passagem do tempo. Erótica é a alma que aceita suas dores, atravessa seu deserto e ama sem pudores. Aprenda: bisturi algum vai dar conta do buraco de uma alma negligenciada anos a fio (Prado, 1991, p. 58).

Envelhecer do modo posto na poesia exige a articulação de vários elementos. Nos dois ambientes pesquisados, frequentadores da Oficina de Gente e frequentadores da sauna/videolocadora, um bem importante já estava assegurado: a amizade com outros homens *gays* mais velhos. Na Oficina de Gente, na forma dos encontros semanais na casa de cada um e nos mecanismos de ajuda mútua para enfrentar dificuldades e depressões; na sauna/videolocadora, pela percepção de que ali se encontravam amigos como quem se encontra em um clube privado, onde se pode falar da vida, nos intervalos da busca de prazeres sexuais.

O grupo de homens *gays* mais velhos, que frequenta com regularidade a sauna/videolocadora, não o faz apenas pela busca de prazer sexual, mas claramente também para encontrar amigos e conversar.

Esses três bens que se busca assegurar pela erótica do envelhecimento – ter uma vida sexual prazerosa contemplando aventuras em locais de sexo nômade, manter relações afetivas e amorosas estáveis e duradouras, ter um grupo de amigos – configuram a possibilidade de um envelhecimento definido em sintonia com as palavras poéticas, acima citadas, de Adélia Prado.

Entretanto, na vida cotidiana as decisões a tomar para obter esses bens tão preciosos podem ser objeto de muita controvérsia.

O prazer de hoje pode prejudicar a relação estável de amanhã

O difícil equilíbrio entre ter uma vida de prazeres sexuais e estruturar uma vida amorosa estável para fugir da solidão na velhice foi tema recorrente.

Em particular nas conversas entre os integrantes da Oficina de Gente, o afeto foi valorizado e idealizado, normalmente em detrimento dos prazeres da carne:

Sem nenhuma fração de moralismo, cabe a pergunta: por que uma imensa parcela de homoafetivos SE RESTRINGE a ir a saunas, videolocadoras e cabarés, onde a energia emocional – sem mencionar a espiritual – é de baixíssimo calibre, para mendigar uma migalha de afeto de profissionais do sexo? Será que esse imenso contingente de homoafetivos não tem capacidade, disposição, talento ou oportunidade, criada por eles mesmos, para não se limitar a buscar o sexo pelo sexo, preferindo, isso sim, procurar relações de amor mais sadias, maduras, estáveis, gratificantes, sólidas? (Alberto, 62 anos, ata de reunião).

Embora condenada de modo tão taxativo, nessa ata de reunião, a prática de buscar prazeres sexuais nos locais ali citados não era rara pelos integrantes do grupo, o que ficou comprovado tanto nas conversas individuais quanto em algumas manifestações no debate: *“Eu não tenho tipo, eu tenho pressa. Pode ser promíscuo e ter um bom caráter, e daí? Qual o problema?”*. (João, 50 anos).

Mesmo a fronteira do sexo pago foi atravessada por alguns integrantes:

“Quando era jovem ia às saunas de entendidos, mas agora como tem as saunas de michês, os caras são muito bonitos e é mais prática a abordagem, tenho preferido elas. Eu e um amigo vamos juntos e ficamos conversando e paquerando no bar da sauna, uma vez por semana. Tenho preferido a sauna de garotos de programas, por ser uma pessoa muito prática.” (Arlindo, 58 anos).

Para os frequentadores da sauna/videolocadora, a questão também se colocava, embora de outra forma: *“tenho medo de ficar viciado em vir aqui, já nem procuro mais alguém para namorar, esses dias no ônibus um outro cara gay mais velho ficou me paquerando, eu até pensei em descer na mesma parada que ele, mas depois desisti, eu estou ficando preguiçoso para essa coisa de começar namoro”*. (Gabriel, 53 anos).

Nos dois ambientes pesquisados não identificamos em momento algum a criação de vínculos amorosos entre os participantes. No caso da Oficina de Gente, tal questão foi claramente colocada em mais de um momento, de modo a reforçar o caráter de amizade entre os integrantes, chegando a configurar quase um interdito. Para os homens gays mais velhos de frequência regular na sauna/videolocadora, parecia “natural” considerar que os amigos naquele reduto eram bons parceiros de conversa e inclusive aliados em alguns momentos de atividade erótica em grupo pelos corredores, mas não “candidatos a marido”, como foi expresso por um deles. O lugar da amizade não pode ser “estragado” pelo interesse erótico, o que foi dito em outras palavras por outro frequentador da sauna: *“estes amigos aqui são para sempre, as paixões duram pouco, depois a gente briga e separa e prejudica o nosso encontro aqui”*. (Wilson, 57 anos).

O temor de virar um “velho tarado” e, com isso, sepultar definitivamente as possibilidades de viver um amor estável apareceu em maior ou menor grau, a depender do sujeito e do momento da sua vida. Muitas falas tocaram neste ponto: “*a gente não pode viciar de vir aqui, depois só quer vir aqui, fazer sexo, e fica viciado*”. (Gregório, 55 anos); “*às vezes eu acho que aqui na sauna eu vou achar um garoto que gosta de velho coroa que nem eu, às vezes eu acho que essa ideia é maluca e isso nunca vai acontecer, e que eu devia ir atrás de outra coisa, mas é tão bom vir aqui*”. (Dario, 58 anos); “*eu agora fico mais tempo na praça de alimentação do shopping depois do serviço, ali passam outros caras gays da minha idade, às vezes acho que vai acontecer alguma aproximação com alguém interessante*”. (Dante, 58 anos).

Muitas sugestões foram dadas nos encontros da Oficina de Gente: não aparecer muito afeminado, nem se relacionar, ou namorar outros homens muito afeminados; não frequentar (muito) paradas *gays* e saunas; não praticar a promiscuidade; não praticar sexo grupal e, principalmente, não se relacionar sexualmente, entre os integrantes do grupo. Para os homens *gays* mais velhos frequentadores da sauna/videolocadora, aquele era o lugar para enfrentar os interditos e ter uma boa vida sexual. Entretanto, “da porta para fora” era necessário ter certos cuidados, para não perder o reconhecimento que haviam conquistado na vida diante de familiares, colegas de trabalho e vizinhos, e que poderia ser útil para encontrar um parceiro para relação estável.

A percepção mais clara da finitude da vida que marca a velhice, posta inclusive pelo fato de que, durante o período de observação, alguns dos frequentadores faleceram nos dois ambientes, combinada com a sensação de que não havia sido possível fazer muita coisa do que desejavam quando eram jovens, levou a algumas afirmações muito potentes de intensificar a vida nessa etapa final. Ninguém vive a velhice sem ser influenciado pelos modos como os jovens vivem a juventude. Isso explica também a constante referência aos modos de ser jovem *gay* nas conversas, singularmente, da Oficina de Gente, fosse para criticar, fosse para admirar. Com variações, o tom comum nas conversas nos dois locais era de que “*há que se aproveitar a vida, antes que ela acabe*”, o que introduz um elemento de pressa, de velocidade, que também foi problematizado, pois pode levar a pura vida de prazeres sexuais, prejudicando a conquista de outros bens importantes, em particular um amor duradouro e o cultivo das amizades:

“Hoje em dia eu sou mais assumido, sou mais audacioso, acho que melhorou com a idade, em tudo, estou mais resolvido agora do que antes. Porque antes não podia porque estava comprometido, meu companheiro e eu não tínhamos ambiente e nenhum amigo gay, por causa do trabalho dele. E depois que ele se aposentou, ele queria fazer tudo. Hoje eu não tenho vergonha de nada, antes eu tinha medo.” (Alejandro, 64 anos).

“É um momento assim que eu chamo do ‘chutar o pau da barraca’, como tu não tem que dar explicação para ninguém, tu tá tranquilo contigo mesmo, então, foda-se o que estão pensando. Tu vais levando a tua vida como dono do teu nariz, isso não tem preço cara! Isso a idade trouxe pra mim, embora eu veja pessoas que a questão da idade é muito mais complexa, alguns gays que estão se aproximando da terceira idade e que estão preocupadíssimos com a decadência física, com uma série de coisas. Então, assim tu não tens que dar mais satisfação pra ninguém isso te dá uma tranquilidade de vida que não tem preço.” (Ricardo, 57 anos).

De acordo com Pocahy (2011), buscamos problematizar os jogos de verdade associados às práticas homoeróticas de homens idosos que se aproximam da perspectiva de uma ascese para uma vida criativa, a partir de uma inspiração foucaultiana. Nesse sentido, levamos em conta as muitas representações e disputas que se relacionam ao processo do envelhecer ou da velhice, abrindo um leque de concordâncias e discordâncias, fruto das interpelações que a vida vai fazendo a cada um. Entendemos a erótica do envelhecimento como um jogo de pequenos ensaios de resistência ou ressignificação aos modos de viver prescritivos ou normativos. Tais possibilidades de contestação ou de (re)invenção da própria vida mostraram-se, nos dois ambientes, associados diretamente a experimentações possibilitadas pelo avanço da idade e a alguns desdobramentos decorrentes dela. Todo o processo vivido pelos nossos informantes tem um elemento de aventura e novidade, pois a sociedade brasileira carece de roteiros muito definidos e socialmente aceitos acerca do que seja uma “velhice saudável” para homens gays, atribuindo a tudo o que é feito nessa área o tom da experimentação.

Às estratégias que marcam essa experimentação denominamos erótica do envelhecimento, articulando três modalidades de ações: aquelas que visam a cultivar amizades com outros homens *gays* mais velhos para compartilhar experiências e como mecanismo de ajuda mútua; aquelas que visam a maximizar o prazer sexual pela experimentação em saunas, videolocadoras e outros ambientes que trazem a marca do “sexo livre, sem culpa e prazeroso”; e aquelas que buscam assegurar possibilidades de construir uma relação de amor duradoura e estável. O complexo jogo entre essas três frentes de ação marca as vicissitudes da erótica do envelhecimento para os homens, que tivemos a oportunidade de acompanhar as trajetórias, nesses dois ambientes e no espaço de tempo indicado.

Referências

- Abreu, N. C. (1996). *O olhar Pornô: a apresentação do obsceno no cinema e no vídeo*. São Paulo, SP: Mercado de Letras, 1996.
- Bataille, G. (1987). *O Erotismo*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Berquó, E. (1999). Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: Neri, A. L., & Debert, G. G. (Orgs.). *Velhice e Sociedade*, 11-40. Campinas, SP: Papirus.
- Brasil. (2004). Estatuto do Idoso. *Lei Federal n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm.
- Carrara, S., & Vianna, A. R. B. (2004). “As Vítimas do Desejo”: os Tribunais Cariocas e a Homossexualidade nos Anos 1980. In: Piscitelli, A., Gregori, M. F., & Carrara, S. (Orgs.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*, 365-384. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Debert, G. G. (1999). A Construção e a Reconstrução da Velhice: Família, Classe Social e Etnicidade. In: Neri, A. L., & Debert, G. G. (Orgs.). *Velhice e Sociedade*, 41-48. Campinas, SP: Papirus.
- Del Priore, M. L. (2011). *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo, SP: Planeta.
- Doll, J. (2004). O campo interdisciplinar da gerontologia. In: Py, L. (Org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*, 83-108. Rio de Janeiro, RJ: NAU.
- Duarte, G. O. (2013). *O “Bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/71278>.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.

- Gardner, P. J. (2006). Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas em Língua Inglesa. *Revista Movimento*, 12(2), 69-92. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/2906-10206-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/2906-10206-1-PB%20(1).pdf).
- Goldenberg, M. (2011). Corpo, Envelhecimento e Felicidade na Cultura Brasileira. *Contemporânea*, 9(2), 77-85. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenberg.pdf.
- Hunt, L. (Org.). (1999). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. São Paulo, SP: Hedra.
- Moraes, E. R. (2004). Os perigos da literatura: erotismo, censura e transgressão. In: Piscitelli, A., Gregori, M. F., & Carrara, S. (Orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*, 225-233. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Mota, M. P. (2014). *Ao Sair do Armário, entrei na Velhice...: Homossexualidade masculina e o Curso da Vida*. Rio de Janeiro, RJ: Mobile.
- Netto, M. P. (2005). *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo, SP: Atheneu.
- Paiva, A. C. S. (2009). Corpos/Seres que não importam – Sobre homossexuais velhos. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, 3(4), 191-208. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04bagoas04.pdf>.
- Pocahy, F. A. (2012). Entre Vapores & Vídeos Pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Estudos Feministas*, 20(2), 357-376. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200002>.
- Pocahy, F. A. (2011). *Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: <http://hdl.handle.net/10183/28822>.
- Prado, A. (1991). *Poesia reunida*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Sedgwick, E. K. (2007). A Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54. Recuperado em 18 janeiro, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>.
- Silva, F. R., & Montenegro, R. D. (2012). Jovem e bonito, velho e feio? Os homossexuais e as publicações homoeróticas brasileiras. *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de gênero da ABEH*, Salvador, BA, Brasil. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: <http://abeh.org.br/anais-do-vi-congresso-da-abeh-salvadorba-2012/>.
- Simões, J. A. (2004). Homossexualidade masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Carrara, S., et al. (Orgs.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*, 415-447. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Simões, J. A., & Facchini, R. (2009). *Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo.

Recebido em 27/11/2015

Aceito em 30/01/2016

Gustavo Duarte – Doutor em Educação, UFRGS. Mestre em Educação, UFSM/RS, Graduado em Educação Física (Licenciatura Plena), Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS). Instituição/Afiliação: Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Dança, Licenciatura do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD). Professor e Coordenador do Curso de Dança, Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria, RS (UFSM).

E-mail: guto.esef@gmail.com

Fernando Seffner – Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS, com estudos no Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IMS UERJ. Mestrado em Sociologia, UFRGS. Graduação em Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Licenciatura em História, UFRGS. Instituição/Afiliação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU. Professor Associado III, Faculdade de Educação, UFRGS, Departamento de Ensino e Currículo. Docente e orientador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU).

E-mail: fernandoseffner@gmail.com